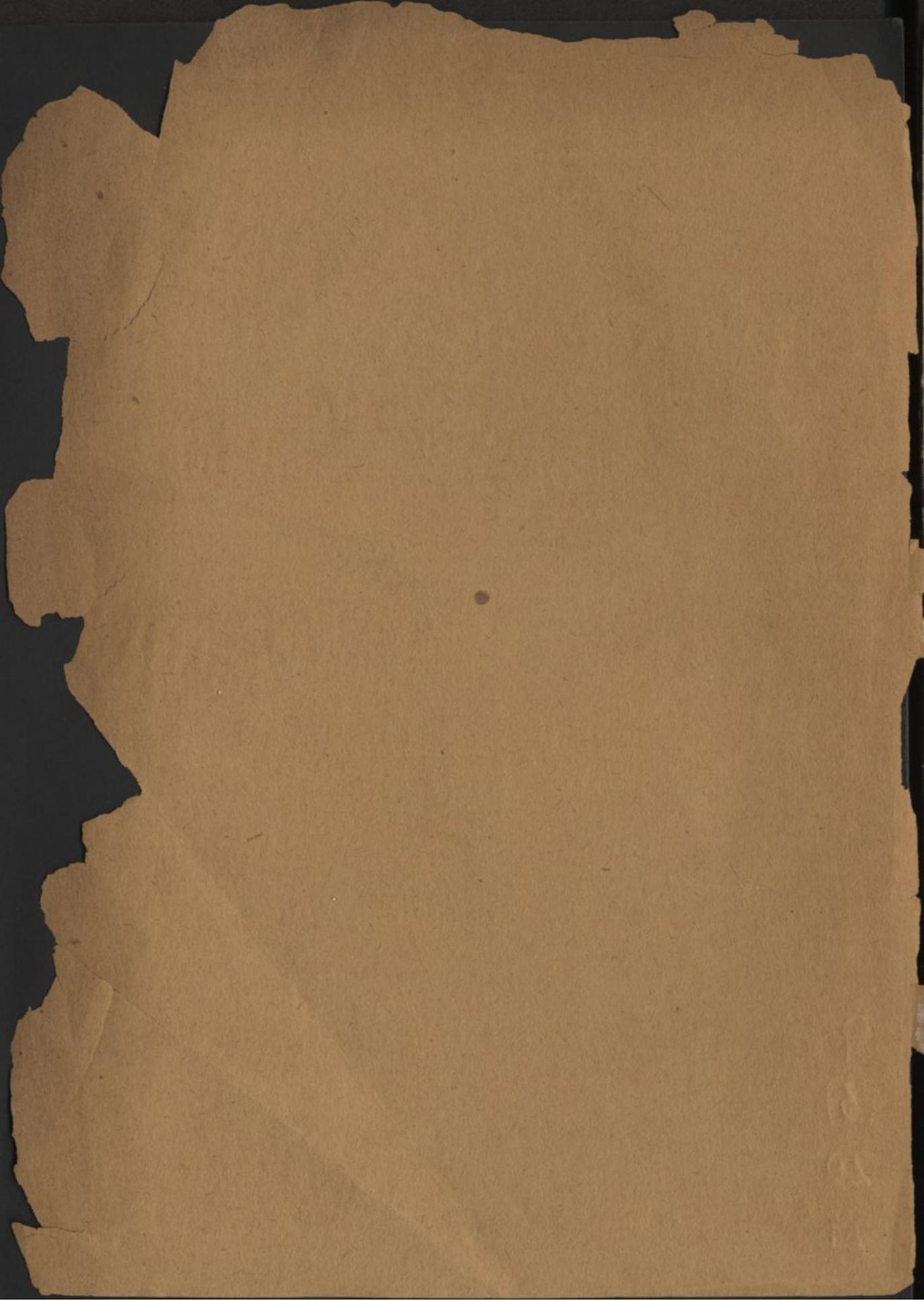


Os Brasões portuguezes

(Jornal heraldico)



9
(3)
20
21



brochure

OS

BRAZÕES PORTUGUEZES

(JORNAL HERALDICO)

POR

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1879

FRANKS' PORTLAND CEMENT

MADE IN ENGLAND

THE FRANKS CEMENT CO. LTD.

FRANKS' PORTLAND CEMENT
MADE IN ENGLAND
1877

9
(3)
20
21



O BRAZÃO DO APPELLIDO DE CACHEIRO

Este sempre as soberbas castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno,
Porque não é das forças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.

CAMÕES, cant. III, est. XCIX.

Tem por armas em campo azul pé de agua; d'esta sahindo a mão, que segura uma corôa real de ouro; em chefe estrella de prata de oito raios. Elmo de prata aberto e guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas.

I

É pequeno este brazão; mas, no seu todo, uma pagina de historia contém, que nos mostra fidelidade, amor da patria, honra e brios de um homem, votado á independencia da terra que o viu nascer, e que hoje, máo grado ás idéas da epocha, bem pôde ser tomado como exemplo a muitos, que tão pouco timbram de verdadeiros portuguezes.

Não se vêem no seu campo brilhar os Lizes de França, a Aguia bipartida dos imperadores, o Leopardo da soberba Albion, nem tão pouco o Leão da orgulhosa Castella; mas vê-se a mão vigorosa e forte de um portuguez, que, com a maior abnegação, fez por alcançar para a patria a sua independencia, para um principe o throno de seus maiores. Vê-se a mão que não se estendeu a Christovão de Moura, e que retirou de si essas cedulas, que compraram tanto traidor á patria, e que depois se descontentaram com o novo rei; porque, como diz um historiador, as mercês foram muito menos do que as promessas, ainda as feitas áquelles mesmos que, vencidos d'ellas, quizeram da escravidão da sua patria fabricar a esperança vã de suas melhoras, tão vãs, que, não chegando a ver das melhoras mais do que as promessas, com infaustos fins acabaram todos a vida, da sua propria infamia castigados.

Este brazão, em tudo portuguez, é um episodio da vida d'esse infeliz e ephemero reinado do filho do duque de Beja, e que bem merecia que nelle continuasse a nobre dynastia portugueza.

II

Os campos de Alcacer Quibir acabavam de sepultar um rei, e com elle a flor da nobreza de uma nação de heroes (4 de agosto de 1578). A occupar o throno, ainda coberto de negro crepe, sobe o velho cardeal, cuja idade e molestias mal podiam sustentar o peso de uma corôa, e que morreu deixando o reino cheio de ambiciosos pretendentes, que todos queriam ter o primeiro direito, sem que elle tivesse coragem, como o senhor D. João II, para nomear quem lhe deveria succeder. Ou, o que mais verdadeiro é, Christovão de Moura, já desde muito vendido a Filippe de Hespanha, tinha tudo aparelhado para que este succedesse no reino, porque de todos os pretendentes era de quem esperava mais conveniencia.

Morreram o reino e o rei onde tinham nascido, o reino em

Henrique, e o rei em Almeirim: e, coincidência notavel, — em 1112 fundou a monarchia um forte Henrique, — em 1512 um fraco Henrique, cavando a sua ruina durante o seu curto reinado, a sepulta no abysmo!

Foi difficil aos governadores poder sopear a onda popular; esta nunca esquece as suas antigas tradições. Foi ella que no campo de Ourique, desembainhando a valente espada, e ainda quente do sangue mauritano, ao grito de — *somos livres, e o nosso rei tambem é livre* — collocou a corôa na cabeça do primeiro Affonso: nas côrtes de Coimbra egual grito se fez ouvir com o primeiro João, consolidada a corôa em Aljubarrota.

Com a morte do cardeal D. Henrique a nobre e sempre memoravel villa de Santarem aclama rei a D. Antonio. É a onda popular que põe nelle os olhos como o unico principe capaz de defender a liberdade e independencia do reino: é o povo que lança de si as algemas, com que lhe pretende roxear os pulsos Christovão de Moura: é a *canalha*, como diz um historiador, que, vendido a Castella, até de escrever na sua propria lingua se envergonhou ¹, que em Setubal fez sahir pela janella os governadores, D. Jorge d'Almeida, arcebispo de Lisboa, D. Francisco de Sá, D. João Telles, D. João de Mascarenhas e D. Diogo Lopes de Sousa, os quaes, medrosos, só pararam em Ayamonte, e ahi aos 17 de julho de 1580 declararam rei de Portugal a D. Filippe II.

Infeliz, e bem infeliz foi D. Antonio, que por toda a parte só encontrou traidores! Dos portuguezes, já degenerados da nobre e valorosa raça dos de Aljubarrota, só quatro mil lhe foram fieis; mas fizeram parar vinte mil na ponte de Alcantara, que eram commandados pelo maior cabo de guerra da Hespanha — Sancho de Avila.

¹ Faria e Sousa — *Epitome de las historias portuguesas*.

Quatro mil, e a maior parte d'elles, *sem armas, e os que as tinham, com pouco conhecimento d'ellas*, continúa o mesmo historiador, que de portuguez só tinha o nome, chegaram de noite até ás margens do rio Lima.

III

Thomé Cacheiro, homem fidelissimo e animoso, aproxima-se de D. Antonio, e lhe diz: — é necessario, Senhor, que hoje não pernoiteis aqui.— Conheço a vossa muita fidelidade, Thomé Cacheiro, lhe respondeu D. Antonio; mas não vejo meio de poder passar este rio; pois, como vêdes, toda esta margem está despida de barcos. Ao que respondeu o nobre portuguez, e talvez o unico amigo do infeliz principe: — Sou eu que terei a honra de vos passar, Senhor; confiae em mim.

Thomé Cacheiro, cortando as ondas, e nadando com D. Antonio sobre os hombros, a salvo o põe do lado de Vianna.

A noite estava serena e pura, e só foi alumiada por uma chamma ou estrella de extraordinaria grandeza, que repentinamente cruzou o espaço.

IV

O rio Lethes, que foi chamado do esquecimento, deu passagem a D. Antonio para França: o seu pequeno exercito teve a sorte dos Turdulos e Celtas, que esquecidos ficaram por esta ribeira; não quizeram fazer o que mais tarde, no dominio romano, praticou Junio Bruto, que, receiosos os soldados de passarem estas aguas, arrancou das mãos do alferes a bandeira, e atravessou para a opposta margem; facto que obrigou o seu exercito a fazer o mesmo, pois tinham receio de que com esta passagem se esquecessem de Roma, sua patria.

A Paris, acompanhado de poucos fidelissimos portuguezes, chega D. Antonio, e requerendo elle mesmo soccorro a Henrique III,

não foi mais feliz. Fugitivo e peregrino, morreu longe da patria e com a patria.

Mas antes que findos fossem seus dias, quiz o infeliz principe levantar um padrão de eterna gloria, que para sempre memorasse a acção nobilissima de fidelidade, practicada por Thomé Cacheiro: mandou que se lhe passasse alvará de brazão de armas, que em tudo mostrasse o corajoso feito de valor que teve logar na ribeira do Lethes — no seu Portugal.

Cobriu o campo do brazão com o azul do firmamento, pois que foi no escuro da noite que esta brilhante acção foi practicada: a ribeira, no pé do escudo: branda e descuidosa como corre — parece que se arrepende

De levar agua doce ao mar salgado,

como bem sentiu Bernardes na sua Egloga xv: a nascer das mansas aguas vê-se a mão do nobre cavalleiro, que segura com firmeza a corôa real, de oiro, e tão cioso a leva, que parece que, nem de leve, consente que as aguas lhe toquem: tal é o precioso thesouro que furta a Sancho de Avila, que grande premio receberia de seu amo se lh'o entregasse: em chefe vê-se a estrella luminosa que foi testemunha da acção do vassallo fiel, do portuguez que não duvidou expor a sua vida, para salvar a ultima vergontea d'essa fertil arvore emmanuelina, que, ainda que bastarda, era implantada no solo portuguez, e portugueza a dynastia que d'ella brotasse ¹.

¹ D'el-rei o senhor D. Manuel e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria, nasceu quarto filho o infante D. Luiz, que foi duque de Beja por carta de mercê dada em Coimbra pelo senhor D. João III, seu irmão, aos 5 de agosto de 1527.

Este infante não casou, e de Violante Gomes, natural da Torre de Moncorvo, chamada a *Pelicana* por ser mui discreta e formosa, houve a D. Antonio, que succedeu a seu pae no priorado do Crato.

Bem combinado assim o brazão, que em tudo respirasse zelo e lealdade, foi elegantemente escripto pelo secretario Diogo Botelho, rubricado por D. Francisco, conde de Vimioso, e assignado pelo proprio punho de D. Antonio, prior do Crato.

Thomé Cacheiro muito honrado foi com este alvará de brazão, e que recebeu em Paris; e a historia, mencionando o honroso feito que obrou, mais nada d'elle nos diz; nenhuma luz sobre a sua ascendencia e descendencia temos. É que Thomé Cacheiro, a nosso ver, não pertencia a essa raça de privilegiados, que ainda além da campa as trombetas da fama apregoam pelas suas acções, e muitas vezes bem mal cabidas...

Ao soldado fiel não podia o historiador negar-lhe o facto heroico, que corajosamente lhe fez jogar a vida; mas provavelmente era sabido da — *canalha*; o que era bastante para não mais se fallar d'elle.



O BRAZÃO DO APPELLIDO DE MACHADO

Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer extranha gloria:
.....
..... o rei subido
A tomar vai.....
..... o sempre ennobrecido
Sealabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.
CAMÕES — *Os Lusíadas.*

Tem por armas, em campo vermelho, cinco machados de prata com cabos de ouro, em santor. Timbre, dois machados das armas atados com torçal vermelho.

I

Tem sido difficil, no meio de muitas contradicções, apurar a origem do appellido de Machado e achar o verdadeiro tronco donde deriva a sua descendencia.

Carvalho, na sua *Chorographia*, quando falla d'esta familia, diz que de D. Maria Moniz houve o senhor D. Sancho I a Martim Martins, e que foi na tomada de Santarem que, pelo facto de ter quebrado as portas a machado para facilitar a entrada, tomou este appellido, e com os machados compoz o escudo das suas armas; e que um e outro legou a todos os seus descendentes.

Provaremos primeiro o erro d'esta paternidade.

O senhor D. Sancho I, além dos filhos que houve da rainha D. Dulce, filha do conde de Barcelona, teve fóra do matrimonio a seguinte successão, a saber:—de D. Maria Paes Ribeiro, fidalga muito illustre, a qual em razão de ser mui formosa lhe chamaram os historiadores a *ribeirinha*, houve Thereza Sanches, Gil Sanches, Constança Sanches e Ruy ou Rodrigo Sanches.

No livro dos obitos que existia no mosteiro de Sancta Cruz de conegos regrantes de Sancto Agostinho em Coimbra acham-se mencionados mais dois filhos que o senhor D. Sancho houve de D. Maria Paes, que são Nuno Sanches e Maior Sanches:

*17 Kal. Januarii obiit Nuno Sancii
filius Domini Sancii Regis Portu-
galliae, etc. D. Mariae Pelagii.*

*16 Kal. septembris obiit Mayor
Sancii filia Domini Sancii Regis
Portugalliae, etc. D. Mariae Pelagii.*

De D. Maria Ayres de Fornellos houve Urraca Sanches e Martim Sanches.

É o testamento com que se finou o mesmo rei que confirma o que escrevemos, porque, diz elle:—«As heranças que dei a D. Maria Paes e aos filhos que d'ella tenho são estas:—Villa do Conde, Parada, Pousadela e Pereira.

«Dei mais a Gil Sanches, filho que d'ella tenho, oito mil maravedis, dos que estão em Belver: e outros oito mil a Ro-

drigo Sanches, e a Thereza e Constança Sanches sete mil a cada uma.

«As heranças que dei a D. Maria Ayres são estas: Villa Nova, Collares e Silvares. Dei mais a Martim Sanches, filho que d'ella tenho, oito mil maravedis dos que estão em Belver, e sete mil a Urraca Sanches.»

Mas ainda existe uma outra prova, que mais convence do erro do escriptor e que nos diz não ser possível Martim Martins ser filho do senhor D. Sancho I, e é o historico facto da tomada de Santarem.

II

Na tomada de Santarem ao Alcaide Houzeri poucos foram os cavalleiros que subiram ás muralhas. Duarte Nunes de Leão diz: — «subiram até vinte e cinco homens, os quaes correram muito prestes a quebrar as portas com um machado, que de fóra lhes deram. E quebradas as fechaduras e os cadeados, entrou el-rei a pé com os seus.»

E mencionando os cavalleiros que foram escolhidos para a escalada da villa, como D. Mendo Moniz, guarda-mór d'el-rei e filho do velho Egas Moniz, D. Affonso, bastardo do rei e depois mestre dos cavalleiros de Rhodes, D. Lourenço Viegas, D. Pedro Paes, seu alferes-mór, que era da casa dos Silvas, D. Gonçalo Gonçalves, de Coimbra, e senhor do Ronge, e outros mui nobres e ricos-homens, não falla em Martim Martins, que pelo facto que obrou não deveria ser esquecido.

A tomada de Santarem foi aos 7 de maio de 1147, e sete annos depois (1154) nasceu o infante D. Sancho em Coimbra. Ainda o pae não era nascido, e, no dizer de Carvalho, já o filho commettia proezas de tão grande valor?!...

Ainda quizemos ver se encontravamos o cavalleiro Martim Martins na defesa de Santarem, para lhe podermos dar a pretendida paternidade; porém sendo esta em 1184, e tendo o infante trinta annos, quantos devia ter o filho para tamanho valor, como o de

quebrar as portas da famosa Santarem? Impossivel. E tanto mais que, abertas que fossem as portas, era tomada a villa pelos mouros que a cercavam; porém estas não se abriram senão quando chegou em soccorro do filho o senhor D. Affonso Henriques, que apezar dos seus noventa annos, castigou severamente os mouros, pondo-os em fugida com o seu Miramolim, que ao passar o Tejo morreu das feridas que recebera durante o cerco.

Investigando occorreu-nos a idéa de que os escriptores se teriam enganado com um filho de Martim Moniz, que era irmão de D. Maria Moniz.

Martim Moniz, o cavalleiro que se sacrificou gloriosamente na porta do castello de Lisboa, casou com D. Thereza Affonso, e d'ella houve Pero Martins da Torre, João Martins Salsa e *Martim Martins*.

Será este Martim Martins que os genealogicos têm como tronco dos Machados?

Não o julgamos; porque, além de não ser filho de Maria Moniz, Deus não o dotou de character guerreiro, não herdou dos seus o valor, e por isso seguiu a vida ecclesiastica e foi arcediogo de Braga.

Casto e puro não nos aponta o velho livro das linhagens *defeito algum* na sua vida toda clerical.

O *livro velho das linhagens*, no titulo LIII, fallando da genealogia do conde D. Osores, diz:—*D. Maria Moniz... não foy casada... teve um filho que houve nome... e nunca lhe souberam padre, donde vêm os Machados.*

Esta Maria Moniz era filha de D. Moninho Osores, senhor de Cabreira e Ribeira, neta do conde D. Osores, povoador que foi de S. Martinho de Ferreiros.

Temos pois um filho de D. Maria Moniz *sem pae e sem nome*.

Mas o mesmo livro no titulo XXXVI já nos tinha dado um outro tronco dos Machados, dizendo da genealogia de João Tenreiro: «este Joham Temrreyro foy casado com a condessa D. Maria Soares, filha de Dom Soeiro Veegas Coelho e Dona Moor Meemdez,

filha de Meem Moniz de Canderey, que *entrou primeiro em Santarem quando a filharam.*»

Aqui temos pois Meem Moniz segundo o que está escripto, o cavalleiro que fez ceder a massiça porta que rachou o chapeado de castanho, fazendo rodar os seus gonzos aos finos golpes do seu machado, entrando aos brados de victoria o senhor D. Affonso Henriques com o seu exercito na nobre villa de Santarem.

Poremos de parte a declaração feita nos ultimos momentos de vida do senhor D. Sancho, ao arcebispo eleito de Braga, Pedro, que da sé de Lamego fôra promovido á metropole da Galliza por morte de Martinho Pires, o qual de D. Maria Moniz, tia de D. Maria Paes Ribeiro, tivera um filho por nome Martim Martins, pelo motivo de a não julgarmos verdadeira.

Quem contemplou Maria Paes e Maria Ayres e os filhos que d'ellas teve, como fica dicto, tambem não deixava no olvido Maria Moniz e seu filho.

Além de que o auctor pelo que escreveu d'esta senhora, vê-se que se não fazia muito crédora da real protecção: calou o nome do pae e o do filho, o que não faria se elle fosse do rei ¹.

Seguiremos o livro *velho das linhagens*, e daremos como tronco dos Machados a *Meem Moniz* de Canderey.

III

Em quanto os fidalgos se não armavam cavalleiros, serviam na milicia com o nome de escudeiros, por usarem de escudos brancos e sem empresa; e só depois que commettiam alguma acção de valor, compunham o escudo das suas armas e neste passavam á posteridade a historia da acção-nobre que tinham practicado.

¹ Confirma o nosso juizo o maior historiador moderno que teve Portugal, o sr. Alexandre Herculano, que diz: «a historia conservou o nome de duas amantes do rei de Portugal, D. Maria Ayres de Fornellos e D. Maria Paes Ribeiro.» *Hist. de Port.*, liv. III, pag. 87.

Este uso foi tomado dos romanos, os quaes, em quanto não practicavam feitos de valor que podessem pintar nos seus escudos, se tinham por affrontados.

De Helenor disse Virgilio que foi á guerra de Troia com a espada núa e o escudo branco, por não ter ganhado insignia com que o ornasse.

Entre nós o conde D. Henrique deu este exemplo, o qual, descendendo de tantos principes, e podendo gloriar-se do brazão que lhe legaram, não entrou em Portugal ornado com elle, e veio obrar façanhas com que se podesse honrar.

Seguindo depois o exemplo d'aquelle grande capitão Godofredo de Bulhões, pintou uma cruz azul em campo de prata. Symbolisam as bandas de azul a côr da casa de Bergonha, da qual descendia.

O senhor D. Affonso Henriques compoz o seu escudo tambem com a côr branca e azul para assim perpetuar a memoria dos seus.

E foi com a bandeira das Quinas que o nosso primeiro rei estendeu o seu territorio desde os confins do oceano até ás correntes do Guadalquivir.

Apezar das revoluções por que Portugal tem passado, ainda hoje conserva branca e azul as côres da nossa bandeira nacional ¹.

¹ Nas côrtes geraes de 1821, na sessão de 14 de agosto, o deputado por Traz-os-Montes, Manuel Gonçalves de Miranda, apresentou uma proposta para que o laço nacional fosse composto das duas côres *verde-salsa* e *amarello côr d'ouro*: na sessão de 21 do mesmo mez, houve algumas reflexões sobre as côres indicadas, e o deputado pela Beira, Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato, propoz que as côres fossem *branca* e *azul*, que já tinham sido empregadas no *escudo de D. Affonso Henriques*.

Vencida esta proposta, sahiu o decreto de 22 de agosto do mesmo anno, e no artigo 1.º diz o seguinte: — «Haverá um Laço Nacional composto na fórma do modelo juncto, das côres branca e azul, por serem aquellas que formam a divisa da Nação Portugueza desde o principio da Monarchia em mui gloriosas epochas da sua historia.»

Collecç. de Decret., part. 2.ª, agosto de 1821, pag. 182.

Vindo o exemplo de tão alto, muitos nobres entre nós deixaram o braço dos seus avoengos, e tomaram outro, onde pintaram as suas nobres acções, mostrando assim qual o honroso caminho que os seus descendentes tinham a trilhar.

Meem Moniz deixou o braço de familia, d'esses heroes que vieram á conquista de Coimbra ajudar Fernando Magno, e creou um seu, que trará sempre á memoria a sua coragem e denodado valor.

Salvando melhor juizo dos heraldistas eruditos, vamos explicar o braço como o entendemos.

IV

Passeiava ao longo do Arnado, que fica na margem direita do Mondego, o senhor D. Affonso Henriques, e a sós com Lourenço Viegas, Gonçalo de Sousa e Pero Paes, segredou com elles a tomada de Santarem; porém não tardou que este plano se divulgasse logo.

Diz Duarte Nunes de Leão na chronica do mesmo rei o seguinte: — «Acabado o conselho, vindo el-rei pela rua da Figueira, que é do Arnado para a cidade, uma velha regateira disse contra as outras: Quereis vós saber o que el-rei com aquelles seus conselheiros agora fallou? Que? disseram ellas: a velha disse. Como iria de supito tomar Santarem.»

«El-rei ouviu o que a velha disse, e vendo que aquelles com quem fallara iam adeante, sem d'elle se apartarem, ficou maravilhado.»

«E descavalgando no paço, chamou a todos e lhes disse: Não attentaste o que aquella velha fallou? Certifico-vos que, se algum de vós outros se apartasse de mim, eu cuidara que fôra descoberto e lhe mandara cortar a cabeça.»

Reunida a sua gente partiu o senhor D. Affonso Henriques de Coimbra e cinco dias gastou na jornada, cujo itinerario foi o seguinte:

A uma segunda-feira foi pernoitar a *Alfagar*, terça a *Corna-*

dellas, quarta á *aldêa das Pegas*, quinta á *serra d'Albardos*, e nesta paragem fez el-rei, de joelhos, o voto de dar ao patriarcha de Claraval e aos seus monges todas as terras que avistava d'aquella serra, aguas vertentes ao mar, se vencesse, o que depois cumpriu; sexta-feira foi amanhecer á matta de *Pernes*, e pela noute adiante achava-se nos olivae de Santarem.

Symbolisam os cinco machados os cinco dias do quinto mez, que o exercito gastou em chegar a Santarem, e se a estes cinco machados junctarmos os dois que assentam como timbre, atados com torçal vermelho, temos o numero *sete*, que sem duvida se refere ao dia 7 de maio de 1147, dia em que foi tomada esta importante villa.

Não cabia para assentar os machados outro campo que não fosse o de sangue; porque estava em harmonia com a historia, que nos diz: — *ser elle tanto como se alli se degollasse muito gado*.

E d'este modo cumpriram-se as ordens d'el-rei, que, do pé do muro onde se collocou, bradava aos seus soldados — *mata, mata, andem todos á espada*.

O antigo brazão de *Machados* differia muito do de hoje, como se póde ver na seguinte copla escripta pelo dr. Francisco de Sá de Miranda, filho d'esta nossa Coimbra, a Manuel Machado:

Se nove Torres tiraram
Que guardavam tres Machados,
Com dous maes bem vos pagaram,
Pois Torres Novas entraram
Martim co'os quatro criados.

Porém na reforma do brazão que em tempo do senhor D. Manuel se fez, vê-se que os compiladores lançaram de si a idéa da tomada de Torres Novas, e que nesta reforma se inclinaram mais á historia da tomada de Santarem.

Se este não fosse o pensamento dos reformadores, era de crer que o brazão continuasse hoje a ser — *os tres machados em roquete*

e nove castellos em orla, pois não encontramos motivo para a sua mudança.

Terminamos com dizer que póde não ser exacta a explicação que acabamos de fazer d'este brazão, com que se honram os do appellido de Machado; porém o que ninguem póde pôr em duvida é que elle não seja verdadeiramente portuguez e nascido com a monarchia.

Os Machados foram alcaides-móres de Chaves, Lanhoso e Ervedosa, senhores de Amares, Entre-Homem e Cavado e Louzã: tiveram tambem a mercê pelo senhor D. João I do Castello da Guarda. Todos estes titulos passaram á casa dos condes da Figueira por D. Maria Amalia Machado de Mendonça Eça Castro Vasconcellos, senhora da quinta da Torre solar dos Vasconcellos, posse immemorial, em S. Martinho de Ferreiros: 11.^a senhora de Entre-Homem e Cavado, por mercê de 9 de abril de 1450, do morgado de Mendonça, Ave-Maria, e da alcaidaria mór de Mourão.

Em Hespanha era grande de 1.^a classe, marquezia de Mortara, Olias e Zarrial, senhora de Cabra, Arrancecepas e outras villas. Succedeu nos bens de Portugal a 20 de agosto de 1822 a seu pae, por ser filha unica, de D. Luiz Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos. M. F. alcaide-mór de Mourão, commendador da Ordem de S. Bento d'Aviz, condecorado com a Granada d'ouro pelas campanhas das guerras da Catalunha e Rossilhão, brigadeiro do exercito, filho de Jorge Francisco Machado, herdeiro de todos os titulos acima referidos, e de D. Luiza Antonia de Saldanha.

Sua mãe era D. Marianna de Saldanha, 4.^a filha do 1.^o conde de Rio-Maior, João de Saldanha Oliveira e Sousa.

D. Maria Amalia Machado casou a 11 de fevereiro de 1822 com D. José de Castello-Branco Corrêa da Cunha Vasconcellos e Sousa, 1.^o conde da Figueira, senhor de Entre-Homem e Cavado e da quinta da Torre, alcaide-mór de Mourão, par do reino em 1826, veador da princeza D. Maria Benedicta, etc. Em Hespanha

era grande da 1.^a classe, marquez de Mortara em Milão, marquez de Olias e de Zarrial em Catalunha, senhor de Cabra, Arranca-
cepas e outras villas, Grã-Cruz da Ordem de Carlos III, conde da Figueira por mercê de 13 de maio de 1810.

D'este casamento nasceu quarto filho, o sr. D. José Luiz de Castello-Branco Corrêa e Cunha Vasconcellos e Sousa, que casou com D. Izabel Pinto de França, filha do 1.^o conde de Fonte Nova, actualmente fallecida, o qual é hoje o legitimo representante do appellido e casa dos Machados em Portugal.

Teve este appellido, além dos titulos que mencionámos, e mais os de marquez de Monte-Bello na Italia, e de conde de Amares em Portugal.

10 DE JUNHO DE 1880



O BRAZÃO DO APPELLIDO DE CAMÕES

Exp'rimentou-se algum'hora
D'ave, que chamam camião,
Que se da casa, onde mora,
Vé adultera a senhora,
Morre de pura paixão.
A dor é tão sem medida,
Que remedio lhe não val.

CAMÕES, *Carta a huma dama.*

Tem por armas, em campo verde, um camião de ouro saindo de duas rochas de prata. Timbre o mesmo camião.

I

Foi nosso pensamento desde o começo d'esta publicação historiar os brazões portuguezes, isto é, brazões que estivessem ligados a algum facto da nossa historia, e que por elle fosse con-

cedido. Como porém nos quizemos associar, em boa camaradagem, aos que prestaram o devido preito ao cantor das nossas passadas glorias, o grande LUIZ DE CAMÕES, nós, humilde redactor do jornal *Os Brazões Portuguezes*, faremos hoje uma excepção, que bem cabida é pela memoria de tão sublime vate.

Em rapidos traços esmerilharemos o brazão e appellido de *Camões*.

Ainda que, segundo alguns historiadores, a sua procedencia seja hespanhola, todavia hoje um e outro estão vinculados ao torrão portuguez; são nossos e muito nossos, porque foi á sombra do nome CAMÕES que em todo o mundo se tornou conhecido o immortal epico, e ainda mais pelo seu livro *Os Lusíadas*, livro de ouro, que será sempre um padrão levantado ás glorias da nossa patria, a nação portugueza.

Aos que nos lerem diremos com o poeta :

« Dae vós favor ao novo atrevimento. »

II

No reino de Galliza existia um solar cuja antiguidade se perdia na noute dos tempos, e nelle se levantava um forte castello a que o povo attribuia cousas fabulosas.

Um nobre castellão ali fazia o seu viver, o qual era Ruy Garcia de Camaño, appellido tomado do solar, e que era situado junto ao promontorio *Nereo*, hoje *Cabo Finisterra*.

O nobre fidalgo pela jurisdicção que exercia em muitas villas e terras d'aquelle reino era considerado como um dos maiores senhores de Galliza; e não menos o era pela sua bravura quando o rei demandava o auxilio do seu braço, acompanhado de seus vassallos.

Nas Hespanhas reinava Affonso, a quem os historiadores chamam imperador, e sob o poder do seu exercito tinham caido Andaluzia, Granada e o reino de Murcia, faltando-lhe a fortissima Baeça, que os mouros consideravam como amparo e chave de toda a Andaluzia.

Para aqui se encaminha Affonso, acompanhado de quanto havia de mais nobre no seu reino.

Entre christãos e mouros trava-se renhido combate, e aos 4 d'abril do anno de 1147 Baeça, apezar do grande poder que as suas muralhas abraçava, rende-se; as portas abrem-se, e a cidade fica em poder dos cavalleiros christãos.

Foi um grande triumpho para as armas catholicas, e os historiadores o celebram como milagre devido ao santo do dia, Santo Izidoro, arcebispo de Sevilha e protector de Madrid.

Entre os que sellaram com o seu sangue esta memoravel conquista, se contou o nobre senhor do solar de *Camaño* e das freguezias chamadas *Camoeiras* em terras de *Salnez* e *Barcala*.

Ruy Garcia Camaño tinha casado com D. Ilduara Fernandes de Castro, neta do infante D. Fernando de Navarra.

Descendia esta senhora do muito illustre ramo de *Castros*, d'onde não só se derivaram as casas reaes de Portugal, Hespanha, Napoles e Sicilia, mas tambem a imperial de Allemanha.

Sandoval, no livro que escreveu sobre a fundação dos mosteiros de Castella, tratando do Mosteiro de S. Pedro dos Montes, a fl. 24, v., § 8, diz que viu entre os retratos dos reis das Asturias um de D. Ordonho, que tinha junto a si, como pagem, um cavalleiro de escudo embraçado e n'este pintadas as seis roellas em campo corado, que é o brazão dos Castros, e confessa serem estas armas as mais antigas das Hespanhas.

Ruy Garcia e D. Ilduara são os troncos da arvore abençoada dos *Camões* de Portugal, por via de seu neto Vasco Fernandes, ou Pires, de Camões.

III

No tempo que a nossa vizinha Hespanha nadava em sangue pelo mau governo de Pedro o cruel, e que um punhal, vibrado com mão certa por outro não menos cruel e ambicioso de reinar, Henrique o bastardo, seu irmão, o fez desaparecer da lista dos vivos, riscando da face da terra mais um tyranno, muitos

fidalgos da primeira nobreza, que acompanhavam o rei assassinado, procuraram abrigo em terras portuguezas.

O ultimo rei da dynastia affonsina acabava de se sentar no throno de seus avós. O senhor D. Fernando, chamado o formoso, a todos acolheu, e como, diz o chronista Duarte Nunes de Leão, nas entradas dos reinos novos a primeira cousa é ganharem vontades á custa do seu, para ter firmes e constantes estes fidalgos castelhanos e gallegos que para elle vinham, para com o seu exemplo atrahir outros ao seu serviço, e por de sua condição ser liberal, com larga mão dispendeu com elles de seus thesouros e de suas terras e jurisdicções, que não houve algum a que não dêsse muito em grande damno do patrimonio real e indignação de seus vassallos.

E em verdade assim foi.

Na lista do grande numero de nobres que procuraram acoiatar-se neste reino foi um d'esses Vasco Fernandes, ou Pires, de Camões, a quem a fortuna mais sorriu em terras de Portugal. Senão vejamos.

O rei chamou-o logo para junto de si e nomeiou-o entre os primeiros do seu conselho: empregou-o na casa do conde de Barcellos, sobrinho de D. Leonor, como seu aio, e abrindo para com elle o cofre das graças, como hoje se diz, deu-lhe as villas do Sardoal, Punhete, hoje Villa Nova da Constancia, Marão, quinta do Judeu em terras de Santarem, Chão de Couce, a quinta de Gestação, e muitos casaes e herdades em Evora-Monte, Aviz, Estremoz e Montemor-o-Novo, que haviam pertencido á infante D. Brites, rainha de Castella.

E mais ainda deu-lhe as alcaidarias-móres dos castellos de Alcanede, Alemquer e Portalegre ⁴.

As muitas honras prodigalisadas pelo rei portuguez fizeram a este fidalgo gallego ennegrecer-lhe a aureola que tinha adquirido e que faziam o ornamento da sua frente; tornou-se, pois, tão parcial de D. Leonor Telles e de sua filha a rainha de Castella, que se não pejou de tomar a vergonhosa missão de passar a Alemquer e a Atouguia para assassinar o mestre de Aviz.

E ainda depois, na memoravel batalha de Aljubarrota, que firmou a nossa independencia, juntando-se com os seus vassallos

a João, o rei castelhano, passou pelo desaire de ficar vencido e prisioneiro do exercito portuguez no campo da batalha, e por este facto, nada honroso e de negra traição, perdeu a maior parte dos seus bens que a munificencia regia do monarcha, que baixara á campa na villa de Santarem, com larga mão lhe tinha dado.

IV

Vasco João Pires de Camões, filho de Fernão Garcia de Camaão, casou com D. Francisca ou Maria Tenreiro, filha herdeira de Gonçalo Tenreiro, que foi general das armadas de Portugal, e que arrogou a si o titulo de Mestre da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

D'este casamento nasceu, entre outros filhos que deram descendencia a muitas familias illustres, João Vaz de Camões.

Era João Vaz de Camões segundo genito de Vasco Pires; foi um cavalleiro de notavel valor nas guerras d'Africa e contra Castella, e por estes serviços lhe foi dado o titulo de — *vassallo*, titulo que só se dava a pessoas de grande preeminencia, como se vê de escripturas e doações antigas, e de primeira nobreza do reino.

Diz-se de D. Pedro, o justiceiro, que foi um grande creador de fidalgos de linhagem; porque n'aquelle tempo se não dava o titulo de *vassallo* se não a filho, neto ou bisneto de fidalgo de linhagem.

Como recompensa de seus muitos serviços tinha o cargo de corregedor da comarca da Beira.

Porém, entre todos os titulos que possuia havia um que a munificencia regia não dava, e que subia de valor a todos os outros que tinha; era o de *muito honrado cidadão* João Vaz de Camões, por que era conhecido.

Vivia João Vaz na sua casa da rua da *Porta Nova*, rua que terminava no *Chão de Joanne Mendes* ², e casou com D. Iñez Gomes da Silva.

Era D. Iñez Gomes da Silva filha natural de Jorge da Silva,

filho de Gonçalo Gomes da Silva, rico-homem de sangue, alcaide-mór de Montemor-o-Velho, senhor de Vagos, Unhão, Gestaço, Tentugal, Buarcos e outras muitas terras do reino, embaixador a Roma á Santidade de Urbano vi, e tronco da illustrissima casa dos Silvas em Portugal, que deriva a sua descendencia dos antigos reis de Leão.

De João Vaz e D. Ignez nasceu Antão Vaz de Camões, casado no Algarve com D. Guiomar da Gama, que trazia a sua origem de Alvaro Annes da Gama, primeiro que fez uso d'este appellido e que vivia em Olivença pelos annos de 1280, e que na conquista do Algarve foi um dos mais insignes capitães do senhor D. Afonso iii.

É a mesma origem da casa da Vidigueira, do conde almirante D. Vasco da Gama, de quem era parenta.

D'este casamento nasceu Simão Vaz de Camões, o qual casou em Santarem com D. Anna de Sá de Macedo, senhora nobilissima, que descendia do solar de Macedo, situado no logar da Appellação, quinta de Santo Amaro, suburbios de Lisboa, e que tinha como ascendente esse corajoso cavalleiro portuguez, Martim Gonçalves de Macedo, que, defendendo nos plainos de Aljubarrota o senhor D. João i contra o castelhano Sandoval, firmou com um só golpe a independencia da sua patria, a nação portugueza.

Simão Vaz de Camões e D. Anna de Macedo tiveram a gloria de ter por filho o grande epico portuguez, o immortal Luiz DE CAMÕES.

V

Nasceu LUIZ DE CAMÕES na cidade de Lisboa no anno de 1523.

Foram na côrte passados os seus primeiros annos, como pedia a nobreza do seu nascimento.

Em Coimbra, patria de seus avós, e no Mosteiro de Santa Cruz, continuou a sua educação litteraria, dirigida por seu tio D. Bentó de Camões, que era então prior geral, homem notavel pelo seu saber e illustração, a quem o senhor D. João iii tinha em boa conta, e que por isso pela sua carta, datada de Lisboa

aos 15 de dezembro de 1539, nomeou cancellario da nova Universidade, emprego de grande honra que até 1834 andou nos geraes d'aquella congregação de conegos regrantes.

Foi aqui que o moço Luiz se começou a exercitar na sublime arte dos Horacios e Virgílios; e que já então entre os escolares sobressahia como primeiro poeta vê-se nos seguintes versos:

«Nenhum pastor cantando me vencia,
A barba então nas faces me apontava,
Na luta, na carreira, e qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.»

E escrevem alguns auctores, que temos á vista, que a maior parte das suas rimas foram sem duvida nenhuma escriptas nesta epoca; porque nellas a cada passo se faz menção do Mondego e das suas apraziveis margens.

Completada em Coimbra a sua carreira litteraria, passou a Africa, a grande escola onde a nossa principal nobreza se ia exercitar na carreira das armas.

Ceuta, que lhe viu correr o sangue das primeiras feridas, foi testemunha da sua coragem e do seu muito valor.

Recolhido a Lisboa, nenhum soldado trazia brazões mais honrosos, que eram as cicatrizes das feridas havidas em combates com os mouros. E podia ufano mostrar que aquelles brazões foram por elle ganhos, e que lh'os não legaram os seus antepassados.

Corria o anno de 1553, e a não *S. Bento* recebia o soldado **LUIZ DE CAMÕES** com direcção á India.

Nesta passagem que de saudades não curtiu o moço poeta?! Sentado sobre os penedos, ao ver o embate das ondas, dizia elle:

«Ó fugitivas ondas, esperai,
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai!
Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós is, contente e ledô,
.....»

Bem tristemente correu na India o seu viver. Horas de consolação não as teve o soldado portuguez, como se colhe do seguinte :

« Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
Trabalhosos, de dor e de ira cheios,
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, fervidos e feios,
Mas os meus pensamentos . . . »

Finalmente, por mais não poder soffrer o poeta regressa ao reino, aonde entrou em 1570 em a náó *Santa Clara*.

Que mudança ao chegar a Lisboa !

A peste tinha ceifado oitenta mil victimas, a côrte fugira, e LUIZ DE CAMÕES, de braços cruzados, contemplava as ruinas da sua malfadada patria.

Os seus amigos d'outras eras já não existiam, e áquella por quem tinha affrontado tantos perigos — Catharina de Athayde — tinham-lhe os dominicos d'Aveiro resado as ultimas preces, e a campa já se havia cerrado sobre o seu corpo !

O coração do poeta estava amargurado e repassado de dor : assim se observa nos versos seguintes, escriptos á memoria da que tinha sido durante a vida toda a sua esperança :

« Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá, no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
 Quão cedo dos meus olhos te levou.»

Dez annos depois, a 10 de junho de 1580, abria-se uma sepultura na igreja de Sant'Anna em Lisboa, e sobre a campa se gravava a seguinte inscripção :

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
 PRINCIPE
 DOS POETAS DO SEO TEMPO :

Temos lido em mais d'um escriptor que LUIZ DE CAMÕES regressou pobre da sua viagem, mas não é verdade; veio rico e muito rico, dizemos nós.

Durante dezesete annos o poeta trabalhou por juntar um thesouro, que ao chegar ao reino depositou em nossas mãos, nas mãos de todos os portuguezes: foi o seu grande livro — *Os Lusíadas*, esse livro em que eternizou as nossas glorias, e que será sempre o Evangelho de todos os que se presam do nome de portuguez.

Homem que assim nos lega tão valiosa preciosidade não é pobre, é rico e muito rico.

Escrevamos em nossos corações o nome do grande epico portuguez e apresentemol-o, como exemplo muito para imitar, a todos os que depois de nós vierem.

VI

Vamos n'esta derradeira parte occupar-nos do brazão de cujo appellido temos escripto.

Entre alguns escriptores tem-se levantado a questão se o brazão dos Camões é hespanhol se portuguez.

Se nos é licito emittir a nossa opinião, diremos que o brazão é portuguez.

Todos os reinos tem um typo caracteristico para os seus brazões, e a Hespanha, mais do que nenhum outro reino, tem uma variedade numerosissima.

Os muitos combates e victorias alcançadas contra os mouros fizeram com que os nobres d'aquella epoca, uns modificassem, outros innovassem as suas antigas armas: as roellas, aspas ou cruces de Santo André, vieiras e cruz de Calatrava, com que estão cobertos os seus campos, são prova do que escrevemos.

As insignias que acabamos de citar ainda hoje as vemos inoculadas com os brazões portuguezes, e não deixam de ser uma prova de que a nobreza castelhana, que a Portugal veio passando em diferentes reinados, trouxe o seu brazão de armas.

Perém não deixamos de observar que este caso se não deu com o brazão que apresentamos, pois no seu campo nada nos indica de que a sua origem proviesse d'aquelle reino.

Logo é claro que Vasco Pires de Camões não trouxe, mas compoz em Portugal o escudo de suas armas.

E está bem de ver que o fidalgo gallego em odio a seu irmão mais velho, Garcia Fernandes de Camaño, que seguiu o partido de Henrique o bastardo, e fugindo á perseguição e á morte que era inevitavel, nem irmão no brazão quiz ser d'elle; abandonou-o, e em Portugal compoz um sómente seu.

E que vemos? Um brazão, como se diz em armaria-fallante: um campo de verde, sobre elle levantada a penha onde estava formado o seu antigo solar, e no meio d'esta, nascente, a ave camão, que voando fez ninho e creou em terras de Portugal.

N'este brazão, pois, á parte a côr verde que é rara em armaria, e que significa a honra e respeitoso serviço prestado ao senhor D. Fernando na qualidade de um dos primeiros do seu conselho, vê-se muito bem combinado o brazão dos Camões portuguezes, d'ondé descendeu esse que constitue hoje a nossa maior gloria, a gloria da nação portugueza, o immortal LUIZ DE CAMÕES.

NOTAS

¹ Veja-se o bem elaborado escripto sobre *Alcaides môres de Portalegre*, pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, no Instituto, vol. xiv, pag. 431 e 433.

² Rua da *Porta Nova* em antigos tempos, é hoje rua dos *Coutinhos*, por toda ter sido formada com propriedades dos viscondes da Bahia (*Coutinhos de Seabra*).

As casas chamadas de João Vaz de Camões são hoje, por via de compra, do sr. Luiz Monteiro Soares d'Albergaria. Pagam ao Cabido d'esta cidade *mil réis e dois capões* cada anno, e ainda actualmente tem o titulo de *casa de Camões*.

Em tempo lembrámos á Camara Municipal de Coimbra que em memoria do grande epico portuguez mudasse o nome d'esta rua dos *Coutinhos* em rua de *Camões*. Infelizmente não fomos attendidos.

SEPULTURA

Copiamos para este logar o que nos diz Manuel Severim de Faria na *Vida de Luiz de Camões* a paginas 277 sobre a sepultura de João Vaz de Camões, avô do poeta.

« Em uma capella da crasta da Sé de Coimbra, que o mesmo João Vaz mandou fazer, se vê á parte do evangelho um tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do tumulo está a mesma figura de João Vaz armado ao modo antigo, com uma espada na mão e aos pés um rafeiro deitado.

« Esta e aquella têm agora o arco quasi tapado de uma parede de tijolo; porque, como faltaram os descendentes do instituidor, ficou devoluta e sem haver quem a ornasse e tivesse cuidado nella. »

Com auctorisação do sr. conselheiro vice-reitor, dr. Francisco de Castro Freire, passaram em maio d'este anno aos claustros da Imprensa da Univer-

sidade, que em outro tempo eram os *claustros da Sé*, os srs. dr. Augusto Filippe Simões e h.^o Augusto Mendes Simões de Castro com o auctor d'estas linhas, e examinando, com o mestre das obras da Universidade, as paredes de todas as capellas do claustro, nada encontraram que lhes indicasse o entaipamento da sepultura de João Vaz de Camões.

Será, pois, talvez verdadeiro o que nos diz um manuscrito, que temos à vista, de que *na fundação da Imprensa da Universidade se destruiu este preciosissimo monumento de archeologia conimbricense*. Cremos isso.



